

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

12 de novembro de 2024

Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado: Angola

CARNAVAL DA VITÓRIA / 1978

Um filme de António Ole

Argumento: Fernando Silva, António Ole, José Manuel Nunes; comentário escrito por Moutinho Pereira / *Imagem (16 mm, cor):* João Silva, António Maneira, Victor Henriques / *Montagem:* Helena Nascimento, Regina Fontes / *Som:* Jorge Baptista, Ladislau Sirgado / *Locução:* José Manuel Nunes

Produção: TPA/Televisão Popular de Angola (Luanda) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm (ampliado do original em 16 mm), versão original com legendagem eletrónica em inglês / *Duração:* 39 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O RITMO DO N'GOLA RITMOS / 1978

Um filme de António Ole

Realização: António Ole / *Direcção de Fotografia:* Beto Moura Pires, António Maneira, João Silva e Carlos Henriques / *Som:* Orlando Martins e Ladislau Sirgado / *Montagem:* Cristiana Altan.

Produção: TPA / *Cópia em 35mm, preto e branco e cor, versão original / Duração:* 60 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal.*

Com a presença de António Ole

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

António Ole (do seu verdadeiro nome Oliveira, mas que encolheu o apelido pelo facto de Salazar também ser António e Oliveira) é um célebre artista angolano de dimensão internacional (esteve presente em várias edições da Bienal de Veneza, por exemplo), que pratica a escultura, a pintura, o desenho, a fotografia, o cinema e também faz instalações. Tinha apenas dezasseis anos quando participou, em 1967, de uma primeira exposição coletiva, seguida de uma individual no ano seguinte, ambas em Luanda. Em 1975, ano em que Angola conquistou a independência, Ole formou-se em cinema no Film Institute da UCLA, em Los Angeles e realizou os seus primeiros filmes na sua terra de origem, **Resistência Popular em Benguela** e **Os Ferroviários**. Considera-se “produto da cultura africana e europeia”, ressaltando que “a africanidade marcou muito a minha formação” e nunca cortou os laços com Angola, embora tivesse condições materiais e profissionais de o fazer. O seu hibridismo cultural, o seu cosmopolitismo, a sua formação erudita, afastam-no do simplismo de um militante e, exatamente por isso, o seu olhar sobre as questões sócio-políticas é sutil porém extremamente agudo, como o prova o seu filme que abre esta sessão.

Apresentado numa magnífica cópia restaurada e ampliada de 16 para 35 mm, **Carnaval da Vitória** foi realizado dois anos e meio depois da independência de Angola, quando a vitória sobre o colonialismo português já era mais do que definitiva, embora

muitíssimos anos de guerra ainda estivessem ela frente. Por este motivo, o filme aborda uma festa e não a luta armada, ilustra a afirmação de um aspecto crucial de uma cultura, que não se misturou à do colonizador, nem se deixou por ele edulcorar. O filme começa com a recitação em *off* de um trecho do poema *Havemos de Voltar*, de Agostinho Neto, que evoca os *nossos* diamantes e as *nossas* plantações aos quais "*havemos de voltar*". Em 1978 os angolanos já tinham "voltado" e em relação a tudo o que existe naquele território (à exceção da língua) o pronome possessivo *nossos* já não se aplicava aos portugueses e sim aos angolanos. A seguir, este mesmo pronome é aplicado à festa do Carnaval, que passou a ser definitivamente *nossa* para os angolanos, deixando de ser *deles*, pois durante os catorze anos de luta armada anti-colonialista esta festa não tinha podido eclodir, a não ser em círculos relativamente fechados em Luanda, onde não havia combates, e numa ou outra cidade, numa tentativa de recuperação destinada a esvaziar-lhe o sentido. Assim sendo, contrariamente a um etnólogo, António Ole não estuda neste filme elementos culturais em vias de extinção, mas pelo contrário algo que nunca morreu, que sobreviveu de modo subterrâneo e volta a sair à luz. O filme tem um tom explicativo, com grande espírito de síntese e extrema clareza de propósito, indo da preparação da festa à sua explosão através de diversos grupos e chega ao fim num *freeze frame* sobre as pernas de um homem que dança. A imagem para e a música continua: este é um filme sobre a capacidade de resistir e sobreviver.

Antonio Rodrigues

O Ritmo do N'Gola Ritmos é um documentário "convencional"; não nos espantemos por lhe reconhecer uma série de características televisivas porque se trata, de facto, de um produto feito para a Televisão Angolana. E mais um bom exemplo de um trabalho sobre as imagens ao nível da história, ou melhor, um exemplo de um trabalho de historiador feito a partir das imagens. O N'Gola Ritmos foi um conjunto musical de importância ímpar na cultura angolana, e o filme de António Ole pretende salientar não apenas essa importância meramente "cultural" mas sobretudo a sua dimensão "política". O seu trabalho parte de uma reunião, 30 anos depois dos seus inícios, dos antigos membros do conjunto musical para, através das suas memórias e recordações, recompor um pouco da história angolana no período que leva à sua independência. E assim que da história do agrupamento e dos seus membros passamos periodicamente para a história de outras pessoas que deles fossem próximas, traçando-se a partir de uma série de destinos individuais uma espécie de mosaico sobre a vida angolana dos últimos 30 anos (até 1978, obviamente, que é a data da produção do filme). Também aqui há uma analogia não negligenciável: o "novo ritmo" que a seu tempo foi introduzido pelo N'Gola Ritmos é apresentado como uma rima perfeita do "novo ritmo" que se instaurou na sociedade angolana. O filme encara o conjunto, por conseguinte, na sua dupla relação com o movimento que levaria à independência: simultaneamente catalisador e reflexo da concatenação de energias que se registava na sociedade angolana em finais dos anos 40. Não descurando uma certa nostalgia que o passado, bom ou mau, tem sempre o condão de suscitar, o filme de Ole é um tocante documento sobre o pulsar da sociedade angolana, de ontem e de hoje.

Luís Miguel Oliveira